

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2024

12 de Fevereiro de 2024

### SAVVUSANNA SÕSARAD / 2023 “A IRMANDADE DA SAUNA”

um filme de ANNA HINTS

*Realização, Argumento:* Anna Hints *Fotografia:* Ants Tammik *Som:* Huldar Freyr Arnarson (*desenho de som*), Tanel Kadalipp, Patrick McGinley (*gravação*) *Montagem:* Qutaiba Barhamji, Anna Hints, Hendrik Magar, Martin Mannik, Tushar Prakash *Música:* Eeter, Edvard *Vocais:* Anna Hints, Marja-Liisa Plats *Efeitos especiais:* Kristjan Putsep *Efeitos visuais:* Hendrik Proosa *Com:* Kado Kivilo, Maria Meresaar, Elsa Saks, Marianne Liiv, Eva Kubar, Liis Kuresoo, Eda Veeroja, Maria Aasa, Merti Kask, Leno Kuura, Kerttu Kuslap, Sandra Lepik, Signe Mallo (elas próprias).

*Produção:* Alexandra Film, Kepler 22 Production, Ursus Parvus (Estónia, França, Islândia, 2023) *Produtora:* Marianne Ostrat *Co-produtores:* Juliette Cazanave, Anna Hints, Hlín Jóhannesdóttir *Cópia:* DCP, cor, legendada em português, 89 minutos *Estreia:* 22 de Janeiro de 2023, no Festival Internacional de Cinema de Sundance (EUA) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Dos quatro elementos naturais são a Água e o Fogo que primeiro lembramos quando o tópico é a sauna. A prática de origem finlandesa respondia a uma necessidade do corpo e do espírito. Terá surgido há milhares de anos nas montanhas da Finlândia movida pelo engenho de lenhadores que procuravam abrigo para as baixas temperaturas e observaram a lava expelida dos vulcões. A partir de um lugar considerado sagrado, a tradição aliou-se a um ritual de purificação. *Savvusanna Sõsarad*, o filme documental de Anna Hints, não conta essa história mas é dela que parte, e em específico da tradição da sauna de fumo praticada na comunidade Võro, da região de Võrumaa, na Estónia, classificada em 2014, pela UNESCO, como Património Imaterial da Humanidade – *Savvusanna Sõsarad*, o segundo termo do título, acrescenta a sororidade. *Savvusanna Sõsarad* tem ressonância antiga e um prisma contemporâneo, estruturando-se como um conto no feminino que trata da vida, do nascimento à morte. O primeiro plano aproxima-se dos corpos nus de uma mulher e do bebé que ela tem ao colo, junto ao peito, transpirados de vapor e recortados no escuro.

Boa parte do filme passa-se no microcosmo de uma cabana de ambiente seco fortemente aquecido por um fogão a lenha, sem chaminé e coberta com pedras, algures no meio da esplendorosa floresta verde dessa região do sul da Estónia, de onde a realizadora é natural. Em rigor, Anna Hints filmou em cinco saunas diferentes e uma série de mulheres do grupo que dá o título ao filme, ao qual pertence, e se dispuseram a contar-lhe histórias: das vinte e cinco que surgem em campo, algumas não falam, escutam, o que para Hints era um papel igualmente importante. Terá trabalhado com elas ao longo de sete anos numa relação que tem descrito como baseada na confiança. É um ponto que sublinha, sendo a tónica a disponibilidade para a nudez, a condição despida. Tradicionalmente, a experiência colectiva da sauna nessa comunidade implica a existência de saunas de homens e mulheres, em separado. É também da cultura popular que vêm as canções, os cânticos, que pontuam o filme, acompanhando os sons da água, do crepitar do fogo (a banda musical resulta de uma colaboração entre a banda popular-electrónica EETER, de Anna Hints, e o compositor islandês Edvard Egilsson).

Numa entrevista a Emma O’Kelly, disponível no arquivo do espaço virtual, Hints conta que o projecto nasceu em 2015 na sequência de um retiro de vinte e seis dias de silêncio que fez com a mãe num mosteiro da Tailândia, dando-lhe a ideia de reunir diversas vozes femininas no mesmo espaço. O da

sauna terá sido óbvio, era matricial: “Nasci na cultura da sauna de fumo. De onde venho, faz parte da família. Tradicionalmente, as mulheres dão à luz, lavam os mortos e curam as pessoas na sauna de fumo. Cresci com a minha avó porque a minha mãe estava a estudar medicina na universidade de Tartu. A avó era uma curandeira – foi a minha mãe espiritual.” Essa avó, que Anna perdeu aos onze anos, frequentava a sauna foi aí que a pequena participou de uma experiência fundadora, com as mulheres da família, a quem a avó revelou a traição e abandono do marido que a deixou sozinha com quatro crianças durante vários difíceis anos de tempos soviéticos. “Ela expôs-se às emoções relacionadas com a traição – a dor, frustração, raiva e mágoa – e estávamos todas lá a testemunhá-lo. Ficámos na sauna durante várias horas e quando finalmente saímos, senti que a minha avó tinha feito as pazes com o meu avô. Esta experiência tocou-me profundamente. Percebi que existe um espaço de segurança no qual todas as nossas emoções e experiências podem ser escutadas e partilhadas sem julgamento. Fez com que nunca mais me sentisse constrangida.”

Transmitindo um ensinamento da mesma avó, Hints verbaliza: “Somos feitos de água e quando temos um trauma essa água congela dentro de nós e perde o potencial de fluir. O calor físico da sauna de fumo, e também o calor emocional, podem aquecer essas águas congeladas.” Alargando a perspectiva pessoal, diz ainda, “Para os estonios, a sauna de fumo não é um mero edifício, mas um espaço espiritual que nos relaciona com a natureza e os seus ciclos. Independentemente do nível em que estamos, uma sauna de fumo é uma grande experiência. Toda a gente devia entrar numa uma vez na vida. Há uma profunda necessidade destes espaços de segurança que vão para lá do género e da cultura possibilitando a vulnerabilidade.”

São as ideias materializadas e o dispositivo achado em *Savvusanna Sõsarad*, em que se sentem o recolhimento da sauna e a sua abertura confessional, a comunhão de pares, a harmonia e fusão das mulheres com a natureza em redor, a floresta e o lago em que mergulham a céu aberto quando saem da cabana-cabine da sauna de fumo. A *cinematografia* da cabana implicou algum engenho, pela exiguidade e as condições de temperatura e as partículas de vapor: foi filmado com duas objectivas e implicou que uma delas se mantivesse, protegida, no interior da sauna durante as várias horas que levam ao seu aquecimento, tendo a directora de fotografia de ter a cabeça envolvida em roupa molhada e gotejante o tempo todo. A dureza física e emocional da realização do filme, de que a realizadora fala, implicou ainda a regra da espontaneidade de conversa – nada estava escrito: “Todas as histórias mantinham a frescura da novidade, nunca foram recriadas. Isso teria dado cabo de tudo. Quando temos coisas dentro de nós e nos encontramos num espaço-tempo de partilha, elas saltam cá para fora. O espectador pode ouvir uma história no filme durante dez minutos, mas foram precisas quatro horas de sauna para que viesse à superfície. Há nisso uma poderosa beleza e cabia-me captá-la.”

As histórias de que as mulheres em *Savvusanna Sõsarad* falam são de maternidade, conjugalidade, sexualidade, rituais de vida e de morte, experiências de gravidez, ciclo reprodutivo, abuso, violência. Do bebé inicial, na sauna, ao duro e pormenorizado relato final de violação em idade adolescente, é na oralidade que o filme se tece propondo a possibilidade de beleza e expiação a partir da fisicalidade do calor e das emoções. Em suma, um elogio da vulnerabilidade, e de um ritual ancestral comunitário.

Maria João Madeira